

RELATO DE EXPERIÊNCIA

CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA UNIVERSIDADE: A BIOLOGIA NO ESCOPO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA – A EXPERIÊNCIA DO JORNAL BIOSFERAS

Marcia Reami Pechula (Instituto de Biociências, UNESP – Univ Estadual Paulista, Depto de Educação - Rio Claro); André Luiz de Camargo ESTEVAM (Instituto de Biociências, UNESP – Univ Estadual Paulista, Depto de Biologia - Rio Claro); Abigail Savietto (Instituto de Biociências, UNESP – Univ Estadual Paulista, Depto de Biologia- Rio Claro); Fernanda Leite de Alcântara (Instituto de Biociências, UNESP – Univ Estadual Paulista, Depto de Biologia- Rio Claro)

Eixo temático: Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC no proceso de ensinar e aprender e na formação docente

Introdução

A constatação de que estamos na sociedade da informação é uma obviedade. A compreensão, entretanto, do que isso significa para e na sociedade contemporânea, não é tão óbvia assim. Há inúmeras interpretações acerca das possibilidades, benefícios e “custos” (prejuízos) da informação na sociedade contemporânea.

Desde o início de década de 1970 os discursos da sociedade globalizada previam que o século XXI seria o século da informação. Isso significa que todas as relações socialmente produzidas estão atreladas às tecnologias da informação e comunicação (TICs). A sociedade, nesse contexto, se produz e reproduz por meio das relações estabelecidas entre a ciência, a tecnologia e a própria sociedade (CTS).

Nesse sentido, as tecnologias da informação e da comunicação produzem profundas transformações nas relações socialmente estabelecidas. Dentre essas transformações destacamos a linguagem própria para a comunicação em rede que, de certo modo, designa o “lugar” que ocupamos na sociedade. Um exemplo marcante é a linguagem forjada pelos internautas (usuário compulsivo de rede internet), o que torna os usuários plugados (ligados) na rede (PECHULA, 2009).

Inseridas nesse contexto as mídias de divulgação científica representam um cenário de significativa importância, tanto pela abrangência dos veículos (impressos, televisivos e digitais) vinculados a um nicho de mercado (lucrativo), quanto pela presença desses veículos na esfera educacional enquanto parceiros na tarefa da

transmissão do conhecimento científico. Há uma ampla aceitação tanto dos especialistas em ensino de ciências, quanto dos documentos de orientações educacionais (incluindo-se aí os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN), quanto ao apoio das mídias de divulgação científica na tarefa de transmissão do conhecimento (KRASILSHIC e MARANDINO, 2004).

Posto isso, consideramos que as mídias de divulgação científica promovem profundas transformações no que se refere à informação da ciência e da tecnologia à sociedade geral e à comunidade acadêmica. As inúmeras parcerias entre instituições de ensino e produtores de meios de comunicação que se reúnem na produção da divulgação científica, certamente é uma das características dessas transformações. Dentre os produtos de divulgação científica encontramos revistas (*Nova Escola, Ciência Hoje, Scientific American Brasil, Superinteressante, Galileu, Ciência Hoje na Escola, Revista Sapiens*), produções televisivas (*TV Escola, Repórter Eco, H2O, Telecurso 2000, Planeta Terra, Loucuras da Ciência, Mistérios da Ciência*), museus (*Estação Ciência. Espaço Ciência Viva, Museu Histórico Nacional, Museu de Ciência e Tecnologia*).

Para além do material impresso e digital, há quase duas décadas vivemos a popularização da Internet, o que ampliou imensamente o acesso às informações e provocou verdadeiro *boom* nos setores comunicacional e informacional. Por isso a Internet é considerada um fenômeno que preconiza uma nova geração de tecnologias, cujos serviços abrangerão todas as formas de intercâmbios em todas as áreas, tais como a economia, os negócios, a educação, entre outras. No que se refere à divulgação científica há uma enorme variedade de sites e blogs (*Terra Ciência: <http://noticias.terra.com.br>, Uol, Ciência e Saúde: <http://cienciaesaude.uol.com.br/ciencia>, Ciência Hoje on-line: <http://cienciahoje.uol.com.br>; <http://divulgarciencia.com/categoria/definicao-de-vida>*, só para citar poucos exemplos), que são acessados diariamente e, certamente, oferecem novos contornos para a construção da informação sobre ciência, tanto no âmbito acadêmico, quanto no âmbito da sociedade geral. A experiência do jornal *on line* de divulgação científica *Biosferas*, insere-se nesse contexto.

1. Jornal *Biosferas*: relato de uma experiência

O Jornal *Biosferas*, atualmente instalado na página da UNESP (Rio Claro), insere-se no contexto das mídias de divulgação científica. Seu propósito é o de estender a produção dos alunos e pesquisadores da área de biologia a toda comunidade acadêmica (científica), às escolas de ensino médio e também aos

usuários (leitores) interessados. A divulgação científica dos temas relevantes e polêmicos das diversas áreas da biologia, tais como biotecnologia, bioética, interação homem-natureza, bioquímica, melhoramento genético de plantas, biofísica e a própria questão da divulgação científica, sendo uma das necessidades contemporâneas, coloca os agentes envolvidos – docentes e discentes, tanto da própria universidade, quanto da rede de ensino médio (e também a sociedade em geral) – em sintonia e contribui para a “publicização” do grande desenvolvimento que a biologia proporciona à sociedade humana, contribuindo para uma maior compreensão da própria história da ciência. Temos que a mídia mais importante para a popularização da ciência é, hoje, a eletrônica, pois tem de longe a maior penetração em todas as esferas da sociedade (HAMBURGER, 2005).

Intenciona-se que o jornal *Biosferas* tenha a capacidade de promover um debate entre a comunidade acadêmica e as escolas, uma vez que o produto pode ser utilizado como material paradidático. A divulgação científica, no escopo dessa experiência, significa a socialização do conhecimento científico, no intuito de forjar o aprofundamento das reflexões sobre os conteúdos estudados que nem sempre são possíveis no espaço da produção e aprendizagem.

2. Desenvolvimento histórico do jornal

A idéia de um jornal on-line de divulgação científica nasceu em 2008, com o intuito de expor estudos e reflexões produzidos, inicialmente, pelos alunos do curso de Ciências Biológicas da UNESP - Rio Claro. O projeto de construção do jornal *Biosferas* ganhou forma e “corpo” (conteúdo) a partir de abril de 2009, quando foi ao “ar” a primeira edição, cujos artigos, produzidos por alunos do curso de ciências biológicas da própria unidade, refletiam a produção científica resultante dos trabalhos acadêmicos produzidos por eles mesmos. Formada a primeira comissão editorial (composta por quatro alunos), os membros iniciaram a trajetória de construção da página eletrônica do jornal, acompanhada da formação teórica sobre divulgação científica e linguagem jornalística.

A primeira edição do *Biosferas* on-line teve pouca divulgação, circulando apenas nas salas e corredores do Instituto de Biociências. Naquele momento o jornal ainda não possuía um link, botão ou banner em qualquer portal oficial da instituição e para poder acessá-lo era necessário digitar o endereço completo da página (<http://www.rc.unesp.br/biosferas>). No início de agosto de 2009 foi lançada a segunda edição, com o mesmo formato da primeira. No interstício dessas duas edições, no mês de junho de 2009, a comissão editorial fez um curso de extensão sobre divulgação

científica, garantindo a “iniciação” da comissão editorial na tarefa de divulgação científica.

Planejamos no início de segundo semestre uma edição especial impressa para registrar a comemoração dos 150 anos da Teoria da Evolução. A edição (com tiragem de 1000 exemplares), financiada pela Fundunesp, foi lançada no evento acadêmico “150 anos: A Evolução da Teoria”, realizado em novembro de 2009. O jornal impresso contava com 18 artigos de autorias diversas: alunos, docentes, pós-graduandos e “blogueiros” de várias instituições de ensino superior. Esse jornal deu início também ao contato com o Ensino Médio, pois ele pôde ser divulgado às escolas da rede pública estadual da cidade de Rio Claro, por meio dos professores do ensino de Biologia. Em dezembro de 2009 saiu a terceira edição de Biosferas. O jornal então conquistou um link na página principal da UNESP de Rio Claro, ganhando maior visibilidade, sobretudo para o meio acadêmico.

Na XX Semana de Estudos de Ciências Biológicas da UNESP – Rio Claro (2009), a comissão editorial do jornal organizou mesa redonda contando com a presença, entre outros profissionais, do jornalista Marcelo Leite. A prof^a Dr^a Marcia Reami Pechula, coordenadora do projeto, compôs uma mesa redonda no evento Lecomciência, realizado na UNESP (campus de Bauru) entre os dias 9 e 11 de novembro, na qual apresentou a proposta do jornal àquela comunidade.

No ano de 2010 a proposta do jornal Biosferas foi aprovada como projeto de extensão, com a concessão de uma bolsa. A comissão editorial foi reformulada, passando a contar com três alunos. O trabalho de elaboração e divulgação do jornal era intenso e por isso os alunos precisavam dedicar muitas horas ao jornal. A comissão passou enfrentar o desafio de reformular a página do jornal a fim de torná-la mais atraente e de fácil acesso. Nos ocupamos também da divulgação de nosso trabalho em outros espaços da comunidade acadêmica.

E em junho de 2010 a comissão editorial apresentou a comunicação: “Biosferas – do jornal on-line à socialização do conhecimento” sobre a proposta do jornal, no 5º Seminário Nacional o Professor e a Leitura do Jornal, realizado na UNICAMP. Em julho do mesmo ano foi disponibilizada a quarta edição eletrônica do jornal, quando a pretensão para o segundo semestre era a de lançar mais duas edições on-line e uma edição especial impressa.

Naquele momento, percebemos a importância de um corpo editorial maior. Trabalhando com três ou quatro alunos, com todas as dificuldades o trabalho se demonstrava possível. Mas, embora o projeto tenha a proposta de ser contínuo, a presença dos alunos na universidade é temporária. Entre as saídas de membros antigos e a entrada de novos membros, percebíamos que havia pontos de “pausa” do

funcionamento do projeto. Era necessário despertar interesse em novos membros, instruí-los sobre a proposta, capacitá-los para o trabalho e tentar garantir uma permanência mínima para que o problema não continuasse a se repetir.

As exigências de um trabalho de divulgação científica desse escopo são muitas, por isso ao final de 2010 sentimos carência de mais bolsistas. No final daquele ano, nosso planejamento inicial não se cumpriu, resultando somente na publicação de uma edição on-line e nenhuma edição impressa. Contudo, os resultados apresentados de nosso trabalho, somado a um “recrutamento” intenso dentro do curso de Ciências Biológicas da UNESP de Rio Claro, resultaram, no início de 2011, em uma comissão editorial composta por 8 membros, dos quais dois atualmente são bolsistas.

Além da tarefa de editoração do jornal, a comissão editorial tem se preocupado em voltar esforços para a divulgação do mesmo junto à rede pública estadual de ensino. Neste ponto, o *Biosferas* deve promover um debate entre a comunidade acadêmica e as escolas, uma vez que o produto pode ser utilizado como material paradidático. Para promover esta interação, temos investido maior trabalho na inserção de outras formas de mídia, que não apenas a escrita, em nossos conteúdos, também tentando abrir maior espaço de interação entre o visitante, o produto e os produtores. Cremos que a proposta colocada pelo projeto possui importância significativa no campo acadêmico e contribui para o estreitamento das relações entre a universidade, o ensino básico e a sociedade.

3. Experiências da Comissão Editorial – capacitação para a divulgação científica

O tempo dedicado semanalmente pelos bolsistas é de aproximadamente 10 horas, variando um pouco para mais ou para menos de acordo com a proximidade das publicações. O restante da comissão editorial também se compromete de algumas dessas funções, mas adaptando-as ao tempo livre que possuem. Além disso, reuniões semanais de uma hora sintonizam o trabalho do grupo, que também compartilham o andamento das tarefas através de uma lista de e-mails interna e outras formas de organização em redes sociais. As funções desempenhadas incluem:

- Revisão e Edição de Textos: Todo material recebido é revisto, avaliado e, quando necessário, corrigido e/ou adaptado à linguagem jornalística, de modo a ficar acessível para toda a comunidade.
- Editoração do jornal on-line: A organização e formatação visual do material também obedecem alguns padrões e são atualizadas constantemente, visando aos poucos se ajustar a um formato que seja mais atrativo ao leitor, sem perder a funcionalidade e a

personalidade. Quando são publicadas as versões impressas, o trabalho de editoração é um pouco diferenciado, pois há técnicas específicas para cada formato.

- Webdesign: Envolve a confecção de materiais visuais (botões, logotipos, banners), sua disposição e funcionalidade dentro da página e internet, bem como o desenvolvimento e manutenção das ferramentas da página. Novas experiências e aprendizados dos alunos têm trazido maior interatividade à página, expandindo sua gama de ferramentas interativas aos poucos.

- Comunicação e divulgação: O jornal mantém contato constante com seus “fornecedores”, e também divulga seu material (e pede colaboração) através de e-mail e correspondência. Fica também a cargo da comissão editorial qualquer tipo de esclarecimento, informação e estabelecimento de contatos por parte do jornal.

O primeiro grande passo para conseguirmos maior volume de artigos foi a divulgação em outras unidades de ensino superior da região. A versão on-line do jornal já conta com material de diversos pontos de São Paulo e de mais três outros estados. Também começaram a caminhar melhor algumas parcerias com outros projetos de extensão e com blogs de ciência. A vantagem de se trabalhar numa plataforma on-line tem sido o estabelecimento desses “links”, onde conseguimos expandir nosso conteúdo e simultaneamente divulgar o projeto. Esse processo tem trazido ganhos consideráveis não apenas ao *Biosferas*, mas a toda uma rede de divulgação científica que aos poucos vai se estabelecendo e fortalecendo na internet. Durante nossa lenta inserção nesse meio, percebemos que um cenário que para alguns pode ser competitivo, também pode ser muito receptivo e acolhedor. Uma vez que nos propomos a compor parte de uma rede de conhecimento, devemos estar primeiramente abertos a compartilhar. E foi assim que fizemos, cedendo espaços no jornal, convidando professores e alunos de outras universidades a divulgarem suas produções, e aos poucos houve retorno, com convites semelhantes ao nosso projeto.

A captação de mais material tem ajudado o jornal a se configurar como um projeto mais sólido e reconhecido. Novas seções estão sendo abertas, com espaços para formatos com os quais ainda não trabalhávamos, tais como entrevistas, produções artísticas e cobertura de eventos, possibilitando um diálogo maior com outras tecnologias e possibilitando maior diversidade de recursos informativos.

Tem sido fundamental que o projeto esteja ganhando mais “corpo” e tomando contato com outros pesquisadores e estudantes, pois isso possibilita que consigamos de fato atingir nossos maiores objetivos: a interface com a comunidade. Para o segundo semestre de 2011, pretendemos divulgar o projeto como um todo (e não somente fornecer um material impresso) dentro das escolas de ensino médio da

cidade de Rio Claro, mostrando o projeto aos professores e as possibilidades que ele pode trazer para o ensino.

Neste âmbito, o jornal possui importância como “primeiro passo” para alguns assuntos de natureza científica, sendo um dos melhores caminhos para iniciar uma viagem até a informação e ao conhecimento, porque fala do presente, daquilo que as pessoas vivem (CORTELLA, 2008). A função de “atualizar” do jornal não é direcionada ao aluno apenas, mas também ao professor. Como ressalta Cortella (2008), os alunos estão atualizados, os professores é que necessitam de atualização, por viverem em outras épocas e/ou outras situações. O jornal, nesse contexto, se mostra uma ferramenta poderosa para capturar, seduzir e convencer a pensar o cotidiano.

Por tratar-se de um projeto on-line, é difícil contabilizar o tamanho do público que temos atingido. Mas o crescimento do retorno tem sido bastante nítido, o que percebemos pelo interesse em publicar material e também nas sugestões e propostas que temos recebido do meio acadêmico.

4. Seleção e Avaliação dos Materiais

Em um primeiro momento, estabelecer critérios de seleção e avaliação para o material que recebíamos foi um grande desafio. Inicialmente, nos deparamos com a possibilidade de termos de avaliar amigos de sala, alunos mais adiantados no curso ou mesmo estudantes de pós-graduação. Mas o que nos colocaria em condições de avaliá-los? Quais critérios seguir?

A primeira edição do jornal foi elaborada apenas com textos dos integrantes da comissão editorial. Assim, discutimos uma proposta comum que todos deveriam respeitar em seus artigos (linguagem acessível, fluência de idéias, simplicidade nos conceitos, etc). Após a leitura conjunta deste material, determinamos algumas diretrizes que deveriam servir como parâmetros de avaliação para qualquer outro material que recebêssemos.

Os critérios foram divididos em três eixos:

- **Linguagem:** Uma vez que a proposta é que os textos sejam acessíveis à comunidade como um todo, recomendamos que todos os autores revisem seus textos, quando os terminarem, como se não soubessem nada sobre o assunto. É desta forma também que fazemos a leitura do material recebido, para que qualquer público o possa compreender. Dessa forma, as metodologias de pesquisa devem ser simplificadas. É mais interessante a descrição sucinta do processo do que a citação dos nomes da aparelhagem utilizada. Também é sugerido bom senso. Se o autor considera, por exemplo, que o uso de determinado equipamento é relevante à

proposta do texto (trata-se, por exemplo, de um equipamento novo, uma tecnologia recentemente desenvolvida), há liberdade para que este tipo de conteúdo seja incluído, mas sempre acompanhado de explicações e descrições, que poderão vir tanto dentro do corpo do texto como em forma de caixas de diálogo explicativas. Dentro do critério linguagem será avaliado também se o texto está bem escrito (gramática, ortografia, sintaxe), mas a estratégia de escrita é livre. O texto poderá ser direto e sucinto, mas também poderá conter diálogos, expressões, citações e outros recursos que tornem o texto mais instigante ao leitor. Para ilustrar a ideia central, destacamos a citação de Ernst W. Hamburger:

“Vemos que os jornalistas, muitas vezes, têm pouco conhecimento da ciência e do *stablishment* científico e precisam, então, conhecer isso melhor. Os cientistas, por sua vez, nem sempre sabem se expressar de uma maneira clara e simples para um público mais amplo. Ele não sabe começar uma explicação a partir do ouvinte, pois costuma ser muito egocêntrico e parte de si mesmo, não chegando até o receptor.”
(HAMBURGER, 2005)

- **Conteúdo:** O tema deve ser bem exposto, deve haver coerência entre os parágrafos e, principalmente, entre a proposta do texto e conteúdo. O título deve chamar para o tema, e deve ser direto, pois é ele quem atrairá a curiosidade do leitor para o restante do texto. Recomendamos, inclusive, que o título seja o último componente a ser desenvolvido, depois de o texto ter sua ideia e proposta claras. Os textos também não devem acabar “de repente”. Perguntas lançadas ao longo do texto devem ser respondidas ou, quando não for possível, é necessário que se explicitem os motivos.

- **Relevância:** Embora este campo seja mais subjetivo, o escolhemos como um critério-eixo para que fique claro que a proposta não é um crescimento de conteúdo a qualquer custo, nem abundância de informação sem propósitos claros. Os temas devem ser interessantes, devem estar ligados a algum dos eixos geradores do projeto e trazer contribuição ao jornal, ao projeto e principalmente aos leitores. Pensando neste material sendo utilizado com propósito educacional, não basta que nossos conteúdos estejam disponíveis, é preciso que essa leitura apresente sentido, visão ou interação para comporem um processo formativo (SANCHO, 2010). Recomendamos que os autores tenham contato com a página antes de escrever, escolham temas que ainda não foram trabalhados ou tragam novas perspectivas sobre os conteúdos já abordados. Desta forma, o crescimento do jornal acaba por estabelecer diálogos científicos em linguagem mais aberta. E é possível, para o jovem leitor, para os “curiosos” em ciência, ou para o professor que busca atualização, perceber o percurso de algumas áreas do desenvolvimento científico.

Na página do jornal, acrescentamos uma seção com todas estas orientações, para que os autores também se envolvam e se empenhem com a proposta. De nosso ponto de vista, este tipo de trabalho não é importante apenas para que a comissão editorial tenha menos trabalho nas adaptações, mas para que a proposta do jornal e da divulgação científica seja incorporada pelos alunos de graduação. Se o jornal se configura, também, como ambiente de aprendizagem virtual, devem ser fáceis de se identificar quais concepções de ensino e aprendizagem possuem aqueles que colaboram para sua construção e, talvez, também de seus utilizadores (SANCHO, 2010). Algumas orientações podem parecer redundantes ou desnecessárias para alunos de anos finais ou já formados, acostumados a elaborar textos para publicação. Mas, sobretudo, para alunos iniciais, esta prática auxilia no desenvolvimento de futuros trabalhos e, acima de tudo, estimula a comunicação para fora das publicações científicas comuns, que geralmente permanecem fechadas no meio acadêmico.

Essas recomendações também trazem resultados interessantes para o público leitor. Com conteúdo diversificado, bem exposto e dialogado, conseguimos expor que algumas polêmicas sempre estarão abertas no campo científico, que há discordância, diferentes visões, e que os resultados também dependem de metodologias. Pretendemos que, aos poucos, estes conteúdos possam ser organizados de modo a possibilitar a percepção da construção científica aos não-cientistas, quebrando conceitos da ciência mitificada, como “os cientistas dizem” ou “a ciência diz que”.

As avaliações finais são feitas seguindo os três critérios-eixo expostos anteriormente. Cada membro da comissão avalia cada um dos textos, atribuindo uma nota para cada eixo e uma média final. Estas médias são comparadas às dos demais membros e o texto fica com um conceito de 0 a 5. Entendemos que é importante ter um grande número de notas na composição das médias para que haja maior imparcialidade nas avaliações. Durante as leituras, cada membro da comissão também acrescenta sugestões de mudança e propostas de correção. Ao final, as avaliações são reunidas e as propostas são discutidas, para que o texto adquira uma versão final e possa ser publicado.

Para as edições especiais, o processo é diferenciado. A seleção ocorre anteriormente ao envio dos textos. São selecionados pesquisadores, professores e profissionais da área que possam contribuir com o tema gerador (no caso do ano de 2009 “150 anos: A Evolução da Teoria”). A maioria destes textos não necessita de modificações, apenas revisões ortográficas e formatação para publicação. Os textos advindos de parcerias com blogs ou outros veículos de comunicação científica também são selecionados anteriormente ao convite. Desta forma, são avaliados, para as edições especiais, somente os textos enviados por alunos de graduação.

Aos poucos, estão sendo estabelecidos vínculos com disciplinas do curso de Ciências Biológicas da UNESP de Rio Claro. Alguns alunos ou grupos de alunos fazem versões de seus trabalhos finais voltadas para a publicação no jornal (a exemplo da disciplina Bioética). Alguns destes alunos se envolvem com a produção e continuam enviando textos de outras naturezas futuramente. O projeto também é exposto a todos os alunos de primeiro ano, que recebem gratuitamente a versão impressa do jornal.

5. Autoavaliação e perspectivas de continuidade

A experiência que o jornal tem acumulado também acompanha a proposta de formar um grupo de estudos pela comissão editorial. Aos poucos, os alunos envolvidos com o projeto têm se voltado a cursos de curta duração e especializações que têm contribuído para suas formações pessoais, mas também para o projeto como um todo. Essa experiência tem sido bastante interessante, pois a participação no projeto (sobretudo no início, na chegada de novos membros para a comissão, no conhecimento das ferramentas e da manutenção do projeto) por si só acaba por configurar-se numa capacitação profissional. Os alunos têm acumulado material voltado para o desenvolvimento e edição de materiais multimídia, técnicas de escrita e linguagem, design e composições visuais, ferramentas interativas, participação em mídias sociais, entre outros.

Como já exposto, temos apresentado o projeto em alguns encontros, seminários e congressos. Embora nossos esforços, por hora, sejam mais voltados à divulgação de outras pesquisas do que da configuração de uma própria pesquisa realizada pela comissão, aos poucos temos percebido novas possibilidades ao olhar não apenas para os reflexos do trabalho na comunidade, mas também para dentro do projeto. A experiência do jornal on-line Biosferas já está se tornando material de pesquisa, e percebemos nessa possibilidade uma relação de sinergia muito positiva. O projeto, por si só, oferece material (crescente) para trabalhos de pesquisa. Em contrapartida, as pesquisas e avaliações do projeto têm trazido novas perspectivas de trabalho e acumulando, aos poucos, melhores referenciais de produção e desenvolvimento.

Também durante estes eventos, recebemos diversas propostas de expansão do projeto que têm sido discutidas ao longo deste semestre para serem viabilizadas para o final de 2011 ou já 2012, que incluem oficinas destinadas a alunos de ensino médio com a temática da leitura do jornal e da notícia científica. Outro campo que tem despertado interesse é o da capacitação de professores para o uso de mídias em sala

de aula. A internet, por exemplo, se mostra um poderoso meio de acesso à informação, mas não é uma saída exclusiva para a educação. A saída seria, isto sim, a capacidade de selecionar com critérios e produzir conhecimentos (CORTELLA, 2008).

É evidente que enfrentamos algumas dificuldades, sobretudo por conta da demanda de recursos que este tipo de trabalho tem. Além disso, o projeto ainda não possui um espaço próprio ou mesmo equipamentos, tendo de usar os recursos do Departamento de Educação (quando disponíveis). Mesmo assim, as expectativas de crescimento são grandes. Aos poucos estamos galgando espaço dentro do terreno concorrido que é o digital. O ano de 2010 trouxe resultados que justificaram maiores investimentos (uma vez que há grande volume de material impresso nas edições especiais) e também a maior participação de alunos no projeto (que hoje conta com seu maior número de bolsistas e também de voluntários). Desta forma, a comissão editorial tem empreendido esforços para angariar maior apoio financeiro, maior participação de alunos e, principalmente, conquistar parcerias com projetos de outras universidades.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEMTEC, 1999.
- CORTELLA, M.S.; O professor e a leitura do jornal. In: SILVA, E.T. (org.). **O jornal na vida do professor e no trabalho docente**. São Paulo: Global, p. 13-31, 2008.
- HAMBURGER, E. W.; 2º Painel Ciência, tecnologia e jornalismo. In: **Ciência e Sociedade – Mediações Jornalísticas**. São Paulo: Estação Ciência/CCS/USP, p. 81-88, 2005.
- KRASILCHIK, M.; MARANDINO. M. **Ensino de ciências e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2004.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Livro verde**. Brasília: DF, 2000.
- PECHULA, M. R.; Considerações sobre a divulgação científica nas mídias e na sala de aula. In: PINHO, S. Z. (org.). **Formação de Educadores, o papel do educador e sua formação**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 461-480, 2009.
- SANCHO, J.M.; Para promover o debate sobre os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem. In: SILVA et. al. (org.). **Educação Online**. Rio de Janeiro, WAK, p. 95-106, 2010.